

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

STEFANIE ADÃO FERREIRA LOPES

**PERCEPÇÕES E VALORES SOCIAIS ATRIBUÍDOS AO FENÔMENO DO
DESVOZEAMENTO PELOS FALANTES DE LÍNGUA JAPONESA**

RIO DE JANEIRO

2025

STEFANIE ADÃO FERREIRA LOPES

PERCEPÇÕES E VALORES SOCIAIS ATRIBUÍDOS AO FENÔMENO DO
DESVOZEAMENTO PELOS FALANTES DE LÍNGUA JAPONESA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras: Português e Japonês, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, para obtenção do grau de Licenciada em Letras: Português e Japonês.

Orientada por Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo

RIO DE JANEIRO

2025

RESUMO

O presente trabalho apresenta um projeto de pesquisa desenvolvido a fim de investigar de que maneira os valores sociais influenciam a forma com a qual os falantes de língua japonesa percebem o desvozeamento. Para isso, este trabalho terá como fundamento os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança, que concebe o sistema linguístico como dotado de heterogeneidade ordenada, sendo a variação condicionada por fatores linguísticos, sociais e cognitivos. Propõe-se, então, um experimento sociolinguístico no qual falantes nativos avaliarão gravações de leitura de fragmentos de textos literários realizadas por outros falantes. O foco do experimento será, portanto, na percepção dos ouvintes em relação ao desvozeamento vocálico, este que é intimamente associado a condicionamentos externos, como idade, estilo, regionalidade e sexo. Ainda que os resultados não tenham sido reunidos, as hipóteses apresentadas neste trabalho foram concebidas a partir de leituras de estudos que versam acerca do desvozeamento e suas implicações sociolinguísticas. O intuito desta investigação é corroborar no entendimento de como os estereótipos sociais e os fatores extralinguísticos podem influenciar nas percepções linguísticas no contexto da língua japonesa. Espera-se, portanto, que este trabalho ganhe maior materialidade num futuro próximo. Almeja-se também que sirva de subsídio para futuros pesquisadores linguísticos, inspirando-os a aplicarem abordagens semelhantes - ou até mesmo inovadoras - no estudo da variação linguística.

Palavras-chave: língua japonesa, linguística, desvozeamento de vogais, sociolinguística.

ABSTRACT

This paper presents a research project developed to investigate how social values can affect the perceptions of Japanese speakers about the phenomenon of vowel devoicing. To this end, this work is based on the theory of language variation and change, which conceives the linguistic system as endowed by the orderly heterogeneity, with variation being conditioned by linguistic, social and cognitive factors. Therefore, a sociolinguistic experiment is proposed, in which native speakers are going to evaluate recordings of reading fragments of literary texts made by other native speakers. The focus of the experiment will therefore be on the listeners' perspectives of vowel devoicing, which is closely associated with external conditioning, such as age, style, regionality, and gender. Although the results have not been gathered, the hypothesis presented in this research were conceived based on researches that deal with devoicing and its sociolinguistics implications. The purpose of this investigation is to corroborate the understanding of how the social stereotypes and external factors can influence linguistic perceptions in Japanese language context. It is expected that this work may come true soon. In addition, it will also serve as a subsidy for future linguistic researchers, to inspire them to apply similar - or even innovative - approaches to the study of linguistic variation.

Keywords: Japanese, linguistics, vowel devoicing, sociolinguistic.

DEDICATÓRIA

Àquele ser superior que já nem sei mais denominar, mas que, de alguma forma, me deu forças para continuar meus estudos e a não desistir.

Aos meus pais que, mesmo desacreditados acerca do futuro após a escolha de curso, nunca deixaram de acreditar no meu potencial, ainda que eu seja uma pessoa muito pessimista e não tenha segurança em mim mesma.

Aos meus irmãos que acompanharam, mesmo sem entender a magnitude de estudar em uma universidade federal, meus períodos de dedicação e nervosismo.

A Gilberto Adão, Marisete Ferreira e Valdemiro Lopes, meus avós, que já não fazem mais parte desse plano, mas que, sem dúvidas, estão velando por mim. Agradecimento especial a minha avó Edilene, essa que me ajuda e nunca esquece de me dar conselhos (e puxões de orelha).

Aos meus professores que me acompanharam durante todo o período de graduação. Em especial, aos *sensei* de língua japonesa: Rika Hagino, Juliana Valverde, Diogo da Silva, João Marcelo Monzani e Rachel Soares.

Ao meu orientador, Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo, que não mediu esforços para me auxiliar na escritura desse trabalho, ainda que ele não entendesse nada da língua japonesa.

Aos meus amigos e colegas de graduação que embarcaram nessa jornada de estudos de uma língua tão distante, mas, ao mesmo tempo, tão acolhedora e fascinante. Vocês me têm oferecido apoio nos momentos difíceis e sempre estão com os ouvidos atentos para ouvir minhas lamentações e conquistas. Nomes como Barbara Gomes, Beatriz Sant'Anna, Carlos Cajahuaringa, Marcela Pimenta, Mateus Preger e Raíssa Curityba têm um lugar especial no meu coração.

Às minhas psicólogas que acompanharam meu desenvolvimento pessoal e acadêmico desde o ingresso na Faculdade de Letras até minha formação como licenciada.

Aos meus alunos de língua japonesa que me fazem refletir a todo momento sobre como ser uma *sensei* (professora) melhor e me ensinam como é importante ouvir o que o outro tem a dizer.

À Faculdade de Letras, instituição que se tornou minha casa nos últimos anos e foi de suma importância para minha formação como profissional e como cidadã.

Ao leitor crítico que avaliará e conhecerá, através desse trabalho, um pouco mais do que tenho aprendido e guardado durante os cinco anos vividos na graduação de Letras.

A todos que contribuíram, seja com palavras de incentivo, financeiramente ou auxiliando diretamente no meu desenvolvimento.

Esse trabalho é uma forma de agradecer a vocês por todo o tempo investido nessa pessoa que vocês conheceram e que cresceu muito nos últimos cinco anos. Espero, encarecidamente, que aceitem meus agradecimentos.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1. Abordagens para o estudo da variação estilística.	16
Figura 2. Quadrilátero das vogais cardeais.	19
Figura 3. Distribuição de variedade regionais no Japão a partir do desvozeamento de vogais.....	22
Figura 4. Distribuição de variedade regionais no Japão a partir do desvozeamento de vogais.....	27

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Diferenciação entre sílaba e mora.	20
Tabela 2. Contextos de vozeamento e desvozeamento das vogais altas na língua japonesa.....	21

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	11
2.1 Sociolinguística Variacionista (ou Teoria da Variação e Mudança).....	11
2.2 Variação estilística.....	15
3. ESTUDOS SOBRE A VARIÁVEL.....	18
3.1 Desvozeamento em língua portuguesa e em zo'é?.....	18
3.2 Desvozeamento na língua japonesa	21
3.2.1 Desvozeamento e os dialetos japoneses.....	22
3.2.2 Desvozeamento, sexo e faixa etária	25
3.2.3 Desvozeamento e estilo	28
3.2.4 Desvozeamento e os estudos de avaliação e percepção.....	29
4. METODOLOGIA.....	31
4.1 Percepções e avaliações acerca do desvozeamento no japonês	31
5. HIPÓTESES E ENCAMINHAMENTOS.....	33
5.1 Resultados esperados.....	33
5.2 Encaminhamentos	34
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS.....	36

1. INTRODUÇÃO

Alguns estudos sociolinguísticos desenvolvidos por Terumi Imai e Hi Gyun Byun sobre o japonês observam o desvozeamento de vogais altas na língua. Estes estudos apontam que esse fenômeno variável ocorre em algumas variedades do japonês e é condicionado por fatores linguísticos e sociais. O desvozeamento é entendido como a perda da sonoridade de vogais em contextos específicos, o qual é geralmente relacionado à mudança de estilo e características dialetais. Nos estudos linguísticos sobre o japonês, é amplamente analisado o ambiente de ocorrência de determinada variável, a percepção dos falantes sobre seu próprio dialeto ou outro dialeto, além das interferências presentes a partir do círculo social do interlocutor. No entanto, apesar de alguns estudos apontarem para a possível atuação de condicionamentos estilísticos (intencionalidade do falante, contexto do discurso) no tocante ao desvozeamento vocálico, poucos estudos foram realizados no sentido de observar os diferentes significados sociais atribuídos às variantes deste fenômeno (vogal vozeada x vogal desvozeada) e, conseqüentemente, se há efeitos de estilo atuando para a realização da variável.

Assim, o presente trabalho apresenta um projeto de pesquisa que visa a observar como falantes nativos do japonês avaliam o desvozeamento de vogais altas. Estudos anteriores sobre essa variável no japonês sugerem que não se sabe se os falantes japoneses percebem se ensurdecem ou não as vogais, motivo pelo qual se pretende, por meio deste projeto de pesquisa, investigar a percepção de falantes nativos japoneses sobre a realização das variantes, bem como se há valores distintos associados às mesmas variantes da variável em análise, isto é, se há valores sociais diferentes associados às vogais desvozeadas e não-desvozeadas, para além do reconhecimento da variedade regional.

O suporte teórico para análise dos dados de produção conjuga os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, no que diz respeito à definição do conhecimento linguístico estruturado a partir de uma heterogeneidade ordenada, bem como da relação entre língua e sociedade (Weinreich, Labov E Herzog, 2006 [1968]), além dos pressupostos dos Modelos Baseados no Uso, no que diz respeito à relação entre conhecimento abstraído e uso, à organização do conhecimento linguístico do falante e status da variação na gramática (Bybee, 2001, 2010; Pierrehumbert, 2003, 2016; Cristófaró e Gomes, 2017, 2020).

No primeiro capítulo deste trabalho, serão apresentados os pressupostos teóricos adotados para a pesquisa, a fim de situar os objetivos e hipóteses da pesquisa. No segundo capítulo, serão apresentados alguns estudos sobre a variável em análise, de maneira a trazer subsídios para as demais fases da investigação. No terceiro capítulo, será apresentada a metodologia de pesquisa e, no quarto capítulo, algumas hipóteses que norteiam a pesquisa. Por

fim, serão apresentados os resultados esperados a partir do protótipo do experimento e as considerações acerca do estudo desenvolvido neste trabalho de conclusão de curso.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Este capítulo tem por objetivo apresentar os fundamentos teóricos que embasam o projeto de pesquisa desenvolvido ao longo desse trabalho. Na primeira seção, serão apresentados os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista; na seção seguinte, os pressupostos para modelagem do conhecimento linguístico; na última seção, a fim de situar a questão da avaliação, serão apresentados alguns conceitos sobre variação estilística.

2.1 Sociolinguística Variacionista (ou Teoria da Variação e Mudança)

No início do século XX, Ferdinand de Saussure (1857-1913), um dos maiores nomes do Estruturalismo, inaugura a linguística moderna ao isolar o objeto de estudo da linguística: o signo linguístico, o qual era composto por duas facetas indissociáveis (significante e significado). A teoria de Saussure concebe a língua como um sistema em que seus elementos não estão isolados, mas sim constituem um todo solidário. Além disso, a teoria saussuriana parte de algumas dicotomias, sendo, talvez, *langue* e *parole* a mais famosa. Enquanto a *langue* (língua) é um sistema abstrato composto por regras e convenções, a *parole* (fala) é o uso da individual da linguagem. Para Saussure, “os atos comunicativos individuais são assistemáticos e ilimitados, e uma ciência só pode estudar aquilo que é recorrente e sistemático. No caso da linguagem, a sistematicidade e a recorrência estão na *langue*, que se mantém subjacente aos atos individuais” (MARTELOTTA, 2011, p. 54).

Cerca de 30 anos após o estabelecimento da escola estruturalista, mais especificamente em 1957, Noam Chomsky publica o livro *Syntactic Structures* (Estruturas Sintáticas), no qual sugere uma abordagem formal e sistematizada para o estudo das línguas naturais. A teoria chomskiana aponta a existência de uma gramática regida por regras generativas, que funcionam como regras matemáticas e fornecem um conjunto infinito de sentenças gramaticalmente corretas à disposição do falante. O linguista inaugura os conceitos de competência e desempenho, sendo a primeira constituída pelo conjunto inato das regras gramaticais, enquanto o segundo refere-se ao uso concreto dessas regras, podendo haver interferência externa direta no desempenho do interlocutor. Entretanto, apesar do gerativismo oferecer uma nova leitura do processamento linguístico e criticar a hipótese behaviorista para aquisição da linguagem, esse pautado na repetição, permanece a questão da dicotomia antes apresentada por Saussure em *langue* e *parole*, agora reformulada como competência e desempenho. Logo, a explicação das variações numa língua e de que maneira elas ocorreram, questionamentos não sanados por ambas as teorias foram combustível para que novas abordagens tentassem explicar fenômenos e a variabilidade observada nas línguas naturais, entre elas a Sociolinguística Variacionista.

Pensando nisso, os linguistas Uriel Weinreich (1926-1967), William Labov (1927-2024) e Marvin Herzog (1927-2013) desenvolveram a Teoria da Variação e Mudança Linguística (ou Sociolinguística Variacionista) para tentar explicar como e por que as línguas mudam. Para os autores, a tradição nos estudos linguísticos consolidada na primeira metade do século XX, segundo a qual a língua seria uma estrutura homogênea e abstrata, não daria conta de explicar a mudança linguística. Weinreich, Labov e Herzog (doravante WLH) postulam que a língua não funciona de maneira autônoma, é dinâmica e está sujeita a variação de acordo com fatores linguísticos e extralinguísticos. Isto significa que existem estruturas categóricas (invariantes) comuns a todos os falantes de uma língua, atuando juntamente com as estruturas variáveis. A partir disso, a teoria busca superar as dicotomias concebidas pelo estruturalismo e o gerativismo, uma vez que a variação é tida como um componente ordenado e intrínseco da língua, não como um desvio.

Os teóricos introduzem o conceito da heterogeneidade ordenada, afirmando que a variação presente na língua não é aleatória, mas sim ordenada, por ser condicionada por fatores cognitivos, sociais e linguísticos. Pautados na variabilidade dos dados empíricos, os pesquisadores podem explicar mudanças existentes nas línguas naturais. WLH apontam cinco problemas empíricos a serem contemplados em uma investigação sociolinguística:

- Fatores condicionantes: quais são os disparadores de uma variação ou mudança linguística? Seus condicionadores são internos ou externos?
- Problema de encaixamento: de que forma se dá o encaixamento das mudanças na estrutura social e linguística?
- Problema da transição: qual a trajetória percorrida pela mudança, ou seja, como ela avança numa comunidade de fala?
- Problema da avaliação: de que forma é possível ponderar os efeitos produzidos pelas mudanças linguísticas? Quais são as avaliações feitas pelos falantes sobre as variantes?
- Problema da implementação: de que forma é implementada a mudança? Quais são as causas da mudança ter acontecido em determinada época e língua e não em outra?

Com base nas proposições estabelecidas por WLH (1968), podem ser identificados alguns princípios gerais para o estudo da variação e mudança linguística:

1. Como a variação não é aleatória, ela é condicionada por fatores linguísticos, sociais e cognitivos. Assim, conforme destacado por WLH (p. 126), “os fatores linguísticos e sociais estão interligados no desenvolvimento da mudança linguística”, de modo que

explicações focadas em apenas um desses aspectos não consegue captar as regularidades observáveis nos estudos empíricos sobre o comportamento linguístico (p. 126);

2. A estrutura linguística inclui tanto formas categóricas quanto variáveis. O domínio de uma língua implica compreender como a variação está organizada dentro da gramática. A gramática dos falantes acomoda a heterogeneidade, permitindo que haja entendimento entre os falantes mesmo em meio à variação;
3. Mudança envolve variação, mas nem toda variação leva à mudança. Isto implica dizer que, quando ocorre uma mudança, formas alternativas competiram entre si ao longo do tempo. Entretanto, a simples observação de variação não garante que uma das formas será descartada em favor de outra;
4. A mudança linguística acontece de forma gradual, não abrupta. Sua implementação se dá ao longo do tempo, abrangendo diferentes contextos e estratos sociais. Pesquisas dialetológicas e sociolinguísticas demonstram que formas concorrentes podem coexistir dentro de uma mesma comunidade de fala por um período.
5. A mudança linguística começa com a generalização de uma alternância em um subgrupo da comunidade, assumindo um caráter ordenado e ganhando significado social à medida que se espalha para outros grupos e elementos do sistema. Esse processo é gradual e não uniforme.
6. Embora o conhecimento linguístico seja representado no cérebro do indivíduo, sua aquisição ocorre em um ambiente sócio-histórico, envolvendo a organização social, tendo em vista que o indivíduo está inserido no contexto social. Esse contexto dá origem ao conceito de “gramática da comunidade de fala”.
7. A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo, não apenas nas famílias. A continuidade geracional ocorre na comunidade de fala, e qualquer interrupção no processo de mudança decorre de fatores específicos dentro da própria comunidade, indo além das diferenças entre gerações (como pais e filhos).

Partindo, então, do conceito de heterogeneidade ordenada, bem como das questões e princípios estabelecidos para o estudo da mudança, uma das grandes contribuições da Sociolinguística Variacionista talvez tenha sido possibilitar que a mudança em curso seja capturada. Assim, o construto do tempo aparente permite que se faça uma análise distribucional e quantitativa das variáveis por diferentes faixas etárias, tornando possível, consequentemente, que, inferências sobre fenômenos que ocorreram no passado por meio da observação de processos em curso (Bailey, 2003). O estudo de tempo aparente parte da análise do comportamento linguístico de falantes pertencentes a gerações distintas em um dado momento,

tendo como pressuposto que a gramática do falante se estabiliza em um determinado momento (final da puberdade) e que o desempenho do adulto vai refletir o input a que ele esteve submetido no processo de aquisição. Seria possível, por meio da análise da fala de indivíduos de diferentes faixas etárias, capturar os diferentes estágios da mudança em curso, tendo em vista que o comportamento de indivíduos de uma mesma comunidade e que pertençam a faixas etárias distintas refletiria diferentes estágios da mudança linguística. Sendo assim, se um falante entrevistado tem 30 anos, sua produção reflete as práticas linguísticas de uma comunidade de fala de, pelo menos, 15 anos atrás. Este fato é produtivo, pois ao examinar a fala de diferentes grupos etários, podemos observar as mudanças linguísticas ocorridas em determinada comunidade de fala, deduzindo quais foram as tendências e fenômenos variáveis sincronicamente.

No entanto, diferentes estudos apontam para o fato de mudanças observadas ao longo da vida dos falantes constituírem possíveis problemas para o construto do tempo aparente. De fato, mudanças de comportamento em jovens adultos no processo de adaptação às pressões do mercado de trabalho podem trazer consequências linguísticas para o construto de tempo aparente, conforme sugerem Sankoff e Laberge (1978) e Sankoff (2006), além do estudo clássico de Labov (1972) sobre o inglês em lojas de departamento de Nova Iorque. Labov (*op. cit.*) sustenta que tais mudanças tendem a se afirmar mais claramente no decorrer da vida profissional dos falantes, a partir do momento em que esses mesmos falantes expandem seus círculos sociais. Apesar de esse tipo de mudança de comportamento condicionada a pressões do mercado de trabalho ainda ser pouco estudada, Bailey (2003) sugere que tal tenha um alcance bem mais restrito do que aquela associada à aquisição da linguagem, porém a possibilidade de sua ocorrência deve ser levada em consideração em qualquer estudo do tempo aparente.

Os estudos de tempo aparente podem não necessariamente indicar uma mudança linguística em progresso. Em vez disso, podem revelar padrões de variação estáveis em uma comunidade específica, já que, conforme argumentam Paiva e Duarte (2010, p. 179), “correlações sistemáticas com a variável idade nem sempre fornecem evidências conclusivas de uma mudança em andamento na língua”. Diante dessas limitações, Bailey (2003) recomenda que os estudos de tempo aparente sejam corroborados por investigações de tempo real, sejam estas de longa duração, abrangendo séculos, ou de curta duração, com intervalos menores, como comparações de dados coletados em comunidades de fala ao longo de duas décadas, por exemplo. Apesar das ressalvas, Sankoff (*op. cit.*, p. 14, 2006) enfatiza que estudos de tempo real têm confirmado a eficácia do tempo aparente como uma ferramenta conceitual valiosa para detectar mudanças linguísticas em curso, descrevendo-o como “uma lente poderosa para interpretar o passado”.

2.2 Variação estilística

Schilling-Estes (2013), argumenta que a variação estilística envolve a variação na fala de falantes individuais (variação *intra-speaker*). Para a autora, a variação *intra-speaker* reúne os mais variados tipos de variação, abrangendo, inclusive, mudanças nos níveis de uso de recursos relacionados a grupos específicos de falantes. Assim sendo, a autora defende que o falante muda sua forma de falar a depender do contexto em que está inserido: “A variação intra-falante pode envolver mudanças dentro e fora das variedades linguísticas, sejam dialetos, registros ou gêneros” (Schilling-Estes, 2013). Isto posto, a autora acredita que pode haver mudança de estilo a partir do contexto em que o falante se insere. Por exemplo, um pastor muda seu estilo para um gênero “sermão” ao subir ao púlpito. À vista disso, entende-se que a variação do estilo pode ser condicionada pelos mais variados fatores, desde a formalidade, ao canal de comunicação, ao público a que se refere, etc.

As discussões sobre a variação estilística acontecem em torno de três abordagens: (a) atenção prestada à fala; (b) atenção centrada na audiência; (c) falante como agente (teoria do *design* do falante). Essas abordagens visam, de forma gradual, a auxiliar na busca da compreensão do que seria estilo e de como ele se relaciona com a variação e mudança linguística. A figura a seguir ilustra e resume as três abordagens, as quais serão detalhadas na sequência:

Figura 1. Abordagens para o estudo da variação estilística.



Fonte: elaboração própria.

Labov (1972), com a abordagem de atenção prestada à fala, diz que é simples perceber a fala casual em momentos de lazer, por exemplo, quando o falante não está sendo monitorado. Por outro lado, isso não se repete em uma entrevista formal que, por sua vez, seria um outro contexto de fala. Assim, Labov (*op. cit.*) entende o estilo a partir da atenção que o falante dispensa à própria fala, isto é, ao grau de monitoramento do falante em relação à sua fala, a depender do contexto em que ele se encontra inserido. Buscando obter uma fala mais próxima do vernáculo (fala menos monitorada) em uma entrevista sociolinguística, o autor define contextos em que o falante não se auto monitora. Para chegar a este objetivo, são usadas diferentes estratégias, como o uso de temas relacionados a acontecimentos da infância, “perigo de vida”, em que o falante acaba ficando menos atento à sua fala. Para Labov (*op. cit.*, 1972), não existe falante com um só estilo e o estilo pode ser organizado em um contínuo, podendo ser medido em função do grau de atenção que se presta à fala. Contudo, há limitações da abordagem de estilo como atenção prestada à fala, pois é difícil, em muitos momentos, separar fala casual e fala monitorada a partir dos contextos, além, é claro, de a própria atenção à fala servir de parâmetro para estilo (caráter unidimensional).

Após o trabalho de Labov, Alan Bell (1947-atual) desenvolveu um estudo que tinha como objetivo analisar o efeito do destinatário e da audiência na variação. A partir disso, no *Audience Design Model*, Bell (1982) reflete sobre alternância de estilo como uma resposta ao tipo de audiência e não à atenção que o falante presta à fala. Seu modelo se baseia na hipótese de Acomodação (GILES, 1973), segundo o qual os falantes, na maioria das vezes, ajustam sua fala na direção dos seus interlocutores, pois, assim, podem se aproximar ou distanciar deles. De

modo geral, o autor considera que o falante, no momento que modela a sua fala, se preocupa com a sua audiência - o ouvinte. Essa audiência não é composta apenas pelo destinatário, mas por outras pessoas também. A crítica a esse modelo consiste no fato de ele conceber o falante como alguém passivo. Além disso, há uma dificuldade para mapear a audiência no presente e a mudança pode não ser apenas uma resposta, mas também uma forma do falante para se impor perante a sua audiência.

A teoria de design do falante surgiu para que as dificuldades encontradas nas abordagens anteriores para explicar a mudança de estilo fossem contempladas. A crítica feita às abordagens anteriores – a de Labov (2006 [1966]) de que a atenção prestada à fala é um preditor chave de padronização de estilo, e a teoria de design de público de Bell (1984), em que o público é o principal preditor – foi a de que os falantes seriam entendidos como muito passivos. Em contraste, a abordagem do *design* do falante tenta capturar as motivações internas conscientes e inconscientes de um indivíduo para a mudança de estilo. De acordo com essa abordagem, os atos de fala performativos são enunciados que realizam ações no mundo, isto é, um falante seleciona ativamente estilos de modo a se aproximar dos grupos com os quais se identifica e se distanciar de grupos com os quais deseja não ser identificado. A ênfase recai, portanto, na própria agência do falante na mudança de estilo. Como as outras duas abordagens, essa terceira – centrada no falante – também apresenta limitações, uma vez que alguns parâmetros são muito subjetivos, tais como a intenção do falante. Dessa forma, perde-se o poder preditivo dos modelos baseados na atenção à fala e na audiência.

Assim, entende-se que, na análise das motivações para a mudança de estilo, devem-se levar em consideração as intenções de falante ao produzir um enunciado - acentuar o positivo, eliminar o negativo e evocar associações culturais por meio do discurso performativo -, bem como relacioná-las a conceitos sociolinguísticos clássicos, como prestígio oculto e atenção à fala, os quais ainda podem carregar poder explicativo e devem ser incorporados ao modelo de design do falante.

3. ESTUDOS SOBRE A VARIÁVEL

Este capítulo apresenta a variável cuja pesquisa investigou desde as hipóteses apresentadas nos estudos de zo'ê, língua portuguesa e japonesa, como também a relação entre o desvozeamento de vogais altas [i] e [u] na língua japonesa e os condicionamentos externos.

3.1 Desvozeamento em língua portuguesa e em zo'ê?

Desvozeamento é de um fenômeno linguístico estrutural no qual as vogais perdem a característica fonética da sonoridade. Esse processo ocorre quando a vibração das cordas vocais é suprimida, levando, assim, a uma perda sonora significativa das vogais (consoantes também são acometidas por este processo), sobretudo em contextos de coda silábica ou quando as vogais se encontram entre consoantes surdas. É fenômeno difundido em diversas línguas naturais, que muitas vezes é associado com o ensurdecimento (ou apagamento). Vejamos a seguir se o desvozeamento ocorre em português, zo'ê (tupi-guarani), assim como no japonês.

Nos estudos voltados à língua portuguesa, Lessman (2017) investiga o apagamento vocálico em vogais átonas finais (VAF), sob o recorte de /ɐ/, /ɪ/ e /ʊ/. Essas vogais tendem a ser mais suprimidas, uma vez que apresentam a duração média entre 16% a 17% (C.f. Lessman, 2017, p.97), sendo /ɪ/ e /ʊ/ as mais suscetíveis a esse fenômeno. Além disso, destaca-se que o ambiente articulatorio, onde consoantes oclusivas, como /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/ estão presentes, observa-se favorecimento ao fenômeno.

Partindo desses pressupostos, Lessman (*op. cit.*) conduziu um experimento com oito mulheres falantes de português brasileiro, com idades entre 18 e 30 anos. A pesquisa foi norteada a partir da técnica de leitura naturalizada, que consiste na familiarização prévia com o texto antes da gravação. Sendo assim, Lessman (*op. cit.*) avalia de que forma as vogais átonas finais se comportavam em fronteiras de palavras. Dados como “caco de vidro”, “copo no”, “gato tentou”, “loba junto”, “lobo da pintura” foram alvos de observação da pesquisadora. Essa metodologia permitiu que também fosse verificado como a familiaridade com a narrativa e o estilo impactaram na reprodução do apagamento.

Pôde-se constatar, ainda, que é possível um falante nativo, num mesmo contexto, realizar ou não realizar apagamento das vogais átonas finais. Os dados obtidos sugerem que, na verdade, haja outras variáveis exercendo influência, fato este que corrobora para que mais estudos venham averiguar de que forma a identidade social do falante e o estilo podem atuar para que a variabilidade desse fenômeno ocorra.

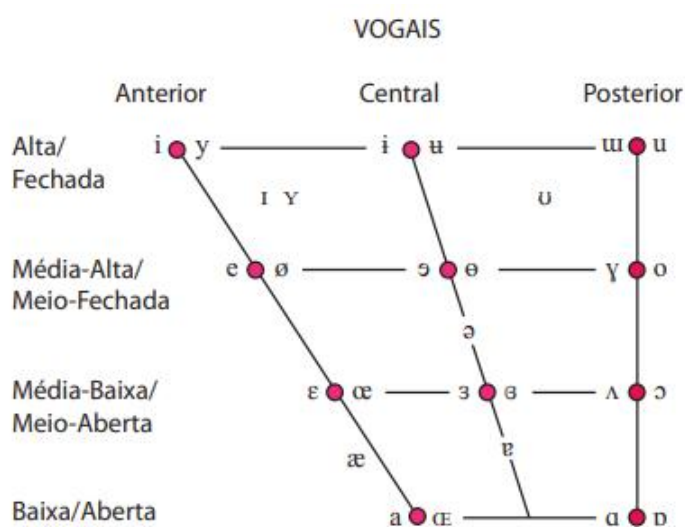
A língua Zo'ê, pertencente ao tronco linguístico Tupi e falada na região do interflúvio Cuminapanema-Erepecuru, no norte do Pará, apresenta o mesmo fenômeno supracitado: o

ensurdecimento vocálico. Esse ocorre em sílabas pré-tônicas seguidas de consoantes oclusivas supraglotais surdas / p', t', k', q', ʔ/, afetando predominantemente as vogais /i, e, i, a, o/, com exceção da vogal alta [u], que tende a preservar a sonoridade quando ela ocupa o núcleo silábico de duas sílabas em sequência. Exemplos desse fenômeno incluem [ta^hpij] “casa”, [ta^hta] “fogo” e [bɛ^h kjet̚] “forte”, nos quais há perda da característica sonora de /a, ε/.

O estudo de Cabral, Rodrigues e Carvalho (2010) postula que o desvozeamento parcial (nomenclatura adotada por eles) surgiu mediante contato com outros grupos indígenas, sobretudo os Karíb, que habitam a região norte do rio Amazonas, onde os falantes do Zo'ê vivem atualmente. Os autores levantam a hipótese de que devido a uma antecipação da abertura da glote ao produzir um som vocálico, não é possível observar o enurdecimento quando há a presença de uma fricativa, africada ou oclusiva surda na sílaba seguinte (p. 55).

A partir da análise do apagamento vogais átonas finais no português brasileiro e do enurdecimento vocálico no zo'ê, suscitou-se um questionamento: será que existe este tipo de ocorrência na língua japonesa? Inicialmente, a resposta foi positiva. Contudo, é necessário salientar que desvozeamento e apagamento são fenômenos que compartilham algumas similitudes, mas não são iguais. Pois, ao mesmo tempo em que ambos ocorrem em contextos nos quais há impacto significativo na produção fonética, o desvozeamento não suprime totalmente a produção vocálica, enquanto o enurdecimento o faz.

Figura 2. Quadrilátero das vogais cardeais.



Fonte: Seara; Nunes; Lazzaroto -Volcão, 2011, p.35.

Ademais, japonês e português também se diferenciam em sua organização fonológica. No caso do português, o sistema vocálico é composto por sete vogais fonológicas, sendo /a, ε, e, i, ɔ, o e u/, as quais, na maioria dos casos, constituem o núcleo de uma sílaba. Por outro lado,

o quadro vocálico japonês é mais reduzido, contando com apenas cinco vogais: /a, i, u, e e o/, que podem formar um mora.

Ainda que os termos “sílabas” e “mora” sejam utilizados como sinônimos em diversas pesquisas, entende-se que a constituição do primeiro é de um núcleo, obrigatoriamente preenchido por vogal e duas partes periféricas que podem ser ocupadas ou não por consoantes (SILVA, 1999, p.76). Já o segundo pode ser formado por um núcleo preenchido por vogal, consoante ou vogal e consoante. A título de exemplo, vejamos a tabela abaixo:

Tabela 1. Diferenciação entre sílaba e mora.

Vocábulos	Adaptação de leitura	Significado	Sílabas		Moras	
家	ie ¹	casa	2	i.e	2	i.e
日本	nippon	Japão	2	Nip.pon	4	Ni.p.po.n
お姉さん	oneesan	Forma formal para “irmã mais velha”	3	o.nee.san	5	o.ne.e.sa.n
あんた	anta	Forma informal de “você”	2	An.ta	3	a.n.ta

Fonte: Elaboração própria inspirada em Kubozono, 2015, p.82.

Dado isso, buscou-se em compreender de que maneira o desvozeamento funciona na língua japonesa. Especialmente, porque se um falante realiza o desvozeamento das vogais altas [i] e [u] entre consoantes surdas ou entre uma consoante surda e pausa, ele pode ser identificado como um indivíduo oriundo da capital do país. Em contrapartida, a não realização do fenômeno pode indicar que esse falante pertença a outras regiões. Esse processo ocorre, sobretudo, em contextos pós-tônicos e em final de palavra.

Pretende-se analisar, portanto, de que forma os falantes podem enxergar esta variabilidade além da questão dialetal e como os próprios nativos podem percebem o desvozeamento relacionado a outros fatores, como idade, sexo e estilo de fala. Esses condicionamentos sociolinguísticos podem ser essenciais para avaliar não somente a frequência do desvozeamento, mas também revelar as tendências linguísticas que estejam em evolução ou mudança na língua japonesa contemporânea.

¹ As romanizações dos vocábulos de origem japonesa foram feitas de acordo com o Sistema Hepburn, desenvolvido em 1867 pelo médico e missionário estadunidense chamado James Curtis Hepburn.

3.2 Desvozeamento na língua japonesa

Tal como no português, observa-se no japonês, a mesma tendência em relação às vogais altas [i] e [u], tanto em contextos de final de palavra, quanto em ambiente entre duas consoantes surdas, sobretudo, quando as vogais estão em contextos pós-tônicos ou precedem consoantes oclusivas, ou fricativas surdas. Desde o século XX, o desvozeamento tem sido amplamente debatido, incluindo as contribuições de Han (1962), Kondo (1994) e Sugito (1969; 1988) que analisaram as questões fonológicas e geográficas do fenômeno. Fujimoto (2015), ao revisitar estudos desenvolvidos por nomes como Terumi Imai, Hi Byun Gyun e Miyoko Sugito, sintetiza as hipóteses levantadas referentes aos contextos estruturais em que ocorre o desvozeamento. A tabela 2, desenvolvida por nós, condensa os apontamentos feitos pelo autor, além de dispor outros exemplos do fenômeno linguístico.

Tabela 2. Contextos de vozeamento e desvozeamento das vogais altas na língua japonesa.

Ambientes	Tipo de consoante	Exemplo em japonês	Adaptação de leitura	Tradução
Frequentemente desvozeados	Africada / Fricativa + Oclusiva / Africada	しかく	shikaku	qualificação
Moderadamente desvozeados	Oclusiva + Oclusiva / Africada / Fricativa	きく	kiku	crisântemo
Frequentemente vozeados	Africada + Fricativa Fricativa ₁ + Fricativa ₂	ちしき ふしぎ	chishiki fushigi	conhecimento mistério
Raramente desvozeados	Fricativa ₁ + Fricativa ₁	しし	shishi	leão

Fonte: Elaboração própria com base em Fujimoto (2015)

Ainda que o tamanho das palavras seja um dos fatores mais observados quando se debruça sobre o desvozeamento na língua japonesa, sabe-se que o contexto estrutural não é o único disparador dele. Fatores como a velocidade de discurso, a articulação, acento, dialeto e a identidade sociolinguística do falante também atuam na forma com que uma vogal é pronunciada ou suprimida. Nos subtópicos subsequentes abordaremos mais detalhadamente as relações entre desvozeamento e os dialetos de Tóquio e Kinki, bem como as variações percebidas entre os falantes, com enfoque nas questões de identidade social e estilo de fala.

3.2.1 Desvozeamento e os dialetos japoneses

A questão dialetal, antes compreendida pela escola estruturalista por “variação regional”, concebia a língua como um sistema estático. Nesse contexto, a variação linguística não era investigada sistematicamente quanto aos disparadores sociais, cognitivos e regionais, sendo tratadas por meros desvios na estrutura da língua, limitando, assim, a compreensão das dinâmicas linguísticas. Contudo, estudos da língua japonesa apontam o desvozeamento como um elemento significativo para a distinção dialetal (Maekawa & Kikuchi, 2005; Fujimoto, 2015), ampliando o horizonte para além da visão estruturalista tradicional: o desvozeamento de vogais altas expõe, inicialmente, padrões regionais diferentes. Em Tóquio, por exemplo, há maior índice do desvozeamento de vogais entre os falantes locais, ao passo que em outras áreas, como a região de Kinki (ou região de Kansai), tendem a ocorrer em menor frequência, ou distintamente do que se observa na capital do Japão (Amino *et al.*, 2018). Os contrastes regionais observados podem estar associados aos fatores socioculturais particulares de cada região, como também às diferenças linguísticas históricas.

Figura 3. Distribuição de variedade regionais no Japão a partir do desvozeamento de vogais.



Fonte: Amino *et al.* (2018, p. 39)

A figura acima apresenta o mapa do Japão delimitando as regiões a partir da presença do desvozeamento, sendo as áreas claras aquelas onde o desvozeamento tende a ocorrer mais frequentemente e as áreas escuras aquelas onde o desvozeamento tende a ocorrer com menor frequência.

Entretanto, a investigação de Morris (2004), nos apresenta outra hipótese para a análise da relação entre dialeto e desvozeamento na língua japonesa. A autora explora como o desvozeamento interfere na percepção da origem de um falante. O estudo comparou os dialetos de Tóquio e Kinki (ou Kansai), conhecidos, respectivamente, pelo desvozeamento e não-desvozeamento de vogais. Estudos anteriores, contudo, comprovam que os nativos de Kinki realizam quase a mesma porcentagem de desvozeamento das vogais altas, assim como os nativos de Tóquio, quando estão em final de palavra, entre consoante surda e uma pausa e entre consoantes surdas. Morris (*op. cit.*, p. 281, tradução nossa), então, encaminha a pesquisa baseada na seguinte afirmativa: “[...] é tentador presumir que a taxa de desvozeamento não é tão diferente daquela em Tóquio”. A investigação é conduzida a partir de uma lista de palavras variando em tipo de dialeto, tipo de vogal e ambientes mais e menos propícios para ocorrer o desvozeamento. Os falantes, então, ao ouvir as gravações, eram questionados se o falante gravado era da mesma região ou não.

Os resultados da pesquisa de Morris indicam que, apesar das expectativas de diferenças entre o dialeto da região de Kinki e o dialeto de Tóquio, falantes de ambas as áreas apresentaram taxas de desvozeamento semelhantes. Com base nisso, entende-se que para os falantes de Kinki, o desvozeamento não é uma pista tão distintiva suficiente para a identificação de outro dialeto, o que sugere que o desvozeamento pode ser mais difundido do que se pensava anteriormente.

Ao refletirmos sobre os dados apresentados por Morris (2004), considera-se que o desvozeamento na língua japonesa não está associado somente às diferenças regionais, mas que há, ainda, outras variáveis exercendo influência, podendo estarem relacionadas ao contexto social em que o falante está inserido ou na intencionalidade de seu discurso. Entende-se, portanto, ser necessária uma análise mais abrangente das relações entre desvozeamento e localização geográfica do indivíduo, além do ambiente que o circunda. Desse modo, Amino *et al.* (2018) levantam o seguinte questionamento: será que há interferência no desvozeamento produzido pelos falantes nativos a partir do seu local de nascimento, ou ainda do local de nascimento de seus pais?

Para isso, os autores em questão selecionaram 226 falantes provindos de várias regiões do Japão, a fim de ratificar a hipótese levantada. Mediante a apreciação crítica apresentada, é possível observar, neste artigo, que a frequência de desvozeamento das vogais altas foi amplamente investigada e pode ser associada aos seguintes fatores: contexto segmental, acentuação da palavra, sexo e idade do falante, estilo e monitoramento de fala. Os autores desenvolvem uma proposta de análise da variação dialetal de desvozeamento vocálico. O experimento conduzido tinha como objetivo examinar o contexto de desvozeamento no qual as vogais altas – [i] e [u] – estivessem entre duas consoantes oclusivas surdas. Para tal, além de

dividir os falantes em seis grupos conforme a província de origem, também foram separados de acordo com a origem de seus pais. Em seguida, a fala corrente de cada entrevistado foi analisada, extraindo o máximo possível de ocorrências do desvozeamento dentre as orações, chegando aos seguintes resultados:

- 1) É fato que há influência do local de origem dos pais na fala dos entrevistados, uma vez que, enquanto dos falantes providos de regiões caracterizadas por desvozeamento apresentaram 80% a 90% de incidência do fenômeno, os falantes de regiões que não são caracterizados pela desvozeamento atingem, entre 60% e 100% de não-desvozeamento.
- 2) Ainda que progenitores e falantes viessem de uma “região dessonorizada”, ao observar a frequência do fenômeno em suas falas, não foi possível atingir a marca dos 100%, o que significa que não se pode inferir que a desvozeamento é completamente previsível apenas com base na origem dialetal, indicando a necessidade de ponderar outros fatores contextuais e individuais na análise da variação linguística.
- 3) “É necessário um maior aprofundamento na investigação sobre se os falantes conseguem disfarçar sua fala ao fazer uma alteração consistente no desvozeamento de vogais”. Isto porque, conforme os autores, “a maioria das pessoas pode não estar ciente de se estão ou não ensurdecendo as vogais por conta própria”, sendo necessário ainda “examinar os efeitos de circunstâncias sociologicamente diferentes sobre o desvozeamento de vogais” (Amino et al., p. 213, tradução nossa).

Esses resultados ressaltam a complexidade do fenômeno do desvozeamento das vogais [i] e [u] na língua japonesa. Ainda que a origem regional exerça influência, outros fatores, como idade, contexto sociolinguístico e estilístico e sexo, também impactam significativamente esse processo. Os estudos desenvolvidos por Morris (2004) e Amino *et al.* (2018), por exemplo, contribuem como arcabouço teórico rico para futuras pesquisas, ao demonstrarem que o desvozeamento não se limita a ser somente um marcador geográfico. Considerar variáveis sociais e circunstanciais revela que esse fenômeno linguístico é multifacetado e, por isso, requer análises mais profundas.

3.2.2 Desvozeamento, sexo² e faixa etária

Como mencionado no capítulo 2, William Labov, figura central nos estudos sociolinguísticos, é amplamente reconhecido e revisitado por seu trabalho inovador acerca da análise da influência dos fatores sociais na variação e evolução das línguas. Em suas pesquisas, examina variáveis que exercem influência na comunicação, tais como idade, sexo, classe social, profissão, situação econômica, etnia. O autor entende que as interações sociais feitas em um grupo específico, denominado por comunidade de fala, revelam as estruturas culturais e sociais enraizadas naquele espaço.

Uma investigação que evidencia a importância das variáveis externas na mudança linguística é o estudo de William Labov sobre a alteração na posição fonética de ditongos na língua inglesa difundida na ilha de Martha's Vineyard. Labov (1972) observa de que forma a mudança linguística é utilizada como ferramenta de resistência cultural e afirmação identitária. Em particular, investiga de que maneira essas variantes se distribuem entre diferentes grupos sociais, por exemplo, jovens locais que preferem formas fonéticas distintas das formas adotadas pelos turistas. Assim, torna-se evidente de que as escolhas linguísticas adotadas por falantes espelham e reafirmam suas identidades sociais.

Os dados obtidos sustentaram que o desejo de se distinguir dos turistas afetou diretamente as escolhas linguísticas e as variações entre os ditongos /aw/ e /ay/ foram detectadas em maiores números no discurso de habitantes que desejavam permanecer na pitoresca ilha. Dessa forma, confirmou-se, então, que as mudanças linguísticas também são construções sociais, ou seja, moldadas a partir das interações entre os ambientes e a individualidade de cada falante.

Por outro lado, nos estudos sobre desvozeamento na língua japonesa, as influências externas concentram-se nas variáveis como faixa etária, sexo e estilo. Byun (2007), por exemplo, averigua a incidência do desvozeamento entre falantes pela sua localização regional e faixa etária, considerando também o sexo como uma variável sociolinguística significativa.

Para sua análise, Byun analisou entrevistas do corpus da Pesquisa Nacional de Gravações em Escolas de Ensino Médio (ou Zenkoku Koukou Rokuon Chosa), que foram realizadas à distância (correspondência) para observar o desvozeamento em contextos menos monitorados e aplicou dinâmicas de leitura em voz alta para comparar o fenômeno em situações supervisionadas. Mediante isso, foi possível verificar diferenças significativas, sobretudo quanto ao efeito da faixa etária e do estilo nas frequências de desvozeamento. Os resultados, já

² Este estudo, em consonância com a Teoria da Variação e Mudança, compreende “sexo” como uma variável binária (feminino/masculino).

debatidos anteriormente, mantêm-se, como o grupo jovem exibindo maior adesão às mudanças, sobretudo os jovens provenientes de regiões urbanas. Contudo, ao contrário do que se esperava, Byun (2007) aponta que falantes do sexo feminino desvozeam mais do que os homens e isso se daria ao fato de que as mulheres tendem a adotar um estilo de comunicação mais cuidadoso, que demonstraria a adesão às normas sociais. Essa prática, conforme a autora, pode ser explicada pela forte ligação entre o desvozeamento e a formalidade.

Acreditava-se que mulheres pertencentes a camadas inferiores da sociedade, a fim de reforçar suas posições, utilizavam uma linguagem mais polida. Contudo, Ide (2003), ao traçar uma linha histórica a fim de explicitar como a “linguagem feminina” foi estabilizada no Japão, afirma que “[...] contrário às expectativas, foi descoberto que mulheres em posições altas em ambiente de trabalho usavam mais a linguagem polida do que mulheres de classes inferiores” (p.228, tradução nossa). Já no período Edo (1603~1868), quando ocorreu florescimento massivo das artes, como as pinturas (ukiyo-e), o teatro (kabuki e bunraku), e a poesia, as yuujo (ou cortesãs), nos distritos de luz vermelha, desempenharam um grande papel na manutenção e propagação da variedade linguística feminina (c.f. 2003). Instruídas em música, canto e escrita, essas mulheres também dominavam a arte do discurso, empregando estruturas polidas e sofisticadas ao conversar com seus clientes. Adoções como essas permanecem sendo associadas ao ideal de feminilidade japonesa, estabelecendo uma linha contínua entre as práticas socioculturais estabelecidas anteriormente e o discurso feminino moderno.

Figura 4. Distribuição de variedade regionais no Japão a partir do desvozeamento de vogais.



Fonte: Eishi Chobunsai, 1794 (período Kansei 6, durante a era Edo)

No entanto, Preston e Imai (2023), após a análise de 20.000 amostras estratificadas para observar o fenômeno do desvozeamento, compartilham as seguintes constatações relacionadas aos estudos sociolinguísticos na língua japonesa:

- a) Homens jovens realizam mais o desvozeamento do que mulheres jovens – embora os autores não tenham especificado as faixas etárias, fato este que restringe análises geracionais;
- b) A classe social do falante não interfere na reprodução do fenômeno;
- c) Existe uma associação entre sexo, estilo e idade;

Afinal, qual seria a motivação por trás da mudança apontada em “a”? Os autores (*op. cit.*, p. 163, tradução nossa) conjecturam que “[...] talvez os grupos jovens, agora, estejam tão distantes das preocupações acerca do desvozeamento padrão que podem selecioná-lo e reformulá-lo, atribuindo significados sociais ao gênero e idade.”. Esses resultados, portanto, salientam a complexidade entre as variáveis externas mencionadas, de forma a confrontar noções tradicionais que tendem a associar determinadas práticas linguísticas a apenas um sexo fixo. Isso nos indica, então, que o desvozeamento transiciona de uma categoria puramente linguística para uma manifestação de cultura e identidade social.

Contrapor o desvozeamento vocálico de [i] e [u] no japonês de a variação no uso de /r/, no inglês novaiorquino manifesta um contraste relevante entre os dois idiomas. Enquanto o inglês característico da região de Nova Iorque, profundamente estudado por William Labov, exibe uma correlação entre classe social e o uso das variantes de /r/ em contexto pós-vocálico. Na língua japonesa, a inexistência da relação entre o contexto socioeconômico do falante e a produção do desvozeamento pode indicar que o fenômeno esteja associado não somente aos condicionamentos de estilo e idade, como também a outros fatores concernentes à hierarquia e normatização da linguagem. Isso evidencia de que maneira cada grupo social pode utilizar a comunicação como forma de dominação ou manifestação identitária.

Por fim, a análise das relações entre os condicionantes idade, sexo e estilo e o desvozeamento vocálico não somente evidencia as dinâmicas da variação linguística corrente no território japonês, mas de igual forma destaca a integração entre as práticas sociais e os fenômenos linguísticos. Compreende-se, portanto, a relevância em considerar os fatores sociais e sociolinguísticos, pois não se pode desassociar o vínculo entre indivíduos e sociedade.

3.2.3 Desvozeamento e estilo

O estilo, anteriormente já explorado neste trabalho, refere-se à alternância entre variáveis em diferentes contextos de fala. Estudiosos, como Schilling-Estes, Labov e Bell, postularam teorias acerca deste tema, tendo, cada um, uma visão distinta de como monitorar essa interferência no discurso. A conceituação do estilo não se encaixa meramente a adaptação ao contexto, mas também está associada às escolhas individuais e intencionais de cada falante, sendo compreendida como uma ferramenta de aproximação ou afastamento de determinado grupo social.

Quanto à análise da variável de estilo nos estudos sobre desvozeamento na língua japonesa, é necessário direcionar atenção aos seguintes aspectos: velocidade de fala e o contexto em que o discurso é feito. Observa-se maior incidência de desvozeamento, em relação ao estilo, em discursos produzidos em ambientes menos formais, ou seja, na fala vernacular dos falantes, sobretudo, associado a rapidez da fala. A respeito disso, Maekawa e Kikuchi (2005), a partir dos dados encontrados no Corpus de Japonês Espontâneo (CJE), associam o desvozeamento com relaxamento. Os linguistas constataram que a produção de riso durante a fala pode intensificar o desvozeamento, de forma a reforçar a conexão entre o contexto informal e o estilo na produção linguística.

Por outro lado, os ambientes monitorados, sendo estes contextos educativos ou profissionais, são marcados pela supressão do desvozeamento. Essa variação evidencia, então,

que ao formalizar um discurso, o falante direciona mais atenção ao próprio enunciado e aproxima-o do padrão linguístico mais apropriado naquele contexto formal. Vale ressaltar que a língua japonesa é alicerçada no conceito cultural de hierarquia social, no qual o discurso construído reforça a posição de subalternidade ou superioridade do falante.

3.2.4 Desvozeamento e os estudos de avaliação e percepção

No que diz respeito à língua japonesa, o desvozeamento vocálico também é investigado em relação à frequência de reprodutibilidade, e/ou em que territórios ele é mais reproduzido. Tais estudos são norteados, em sua maioria, por abordagens de avaliação e percepção. Essas abordagens, ainda que cultivem metodologias distintas, têm por objetivo desbravar como os ouvintes/falantes interpretam características de sua própria língua, sendo estas características linguísticas ou extralinguísticas. Com o intuito de identificar as tendências seguidas na variável, é comum selecionar condicionantes, como a formalidade ou, a fim de captar de que maneira os padrões sociais e regionais formatam a recepção e o emprego do desvozeamento.

Os estudos avaliativos, por exemplo, buscam percepções sociais atreladas ao desvozeamento, como estereótipos e julgamentos que os falantes atribuem a esse fenômeno, de maneira a revelar se o desvozeamento estaria associado à informalidade, regionalidade ou identidade. O estudo de Morris (2004), por exemplo, busca determinar se um grupo de falantes consegue avaliar o desvozeamento como marca de pertencimento ou não pertencimento regional. Esses julgamentos ainda podem conter estereótipos cultivados sobre grupos provenientes de áreas rurais/urbanas, grupos que se identificam com o discurso “afeminado” / “masculinizado”, jovens/velhos, evidenciando de que maneira as percepções e os preconceitos da sociedade refletem (n)as estruturas sociais.

Enquanto isso, os estudos de percepção enfocam nas questões de processamento linguístico e cognitivo, investigando em que circunstâncias e como os falantes percebem o desvozeamento. Maekawa e Kikuchi (2005) avaliaram os efeitos de fatores acústicos na identificação do desvozeamento mediante a análise do CJE. Os autores reportaram que as características da língua associadas ao desvozeamento, como o relaxamento articulatório em contextos informais, podem obscurecer a percepção dos ouvintes. Pode-se verificar quais são os elementos interferentes e como eles atuam através dos estudos experimentais perceptivos, ampliando, assim, a compreensão acerca dos mecanismos de percepção do desvozeamento.

Ao combinar as abordagens de avaliação e percepção, é possível desenvolver uma análise mais ampla da variável e estabelecer uma compreensão mais acurada sobre o

desvozeamento. Dessa forma, é possível desenvolver uma pesquisa que retrate e pondere detalhadamente as interações sonoras, cognitivas e sociais.

4. METODOLOGIA

O presente capítulo tem por objetivo apresentar a metodologia a ser aplicada para a análise de desvozeamento na língua japonesa, em particular, como e quais valores sociais estão associados a percepção do desvozeamento entre falantes japoneses.

4.1 Percepções e avaliações acerca do desvozeamento no japonês

O objetivo deste trabalho é observar como falantes nativos do japonês avaliam o desvozeamento de vogais altas, fenômeno muito comum em algumas variedades do japonês, como nos dialetos das regiões de Kanto (Tóquio, Saitama, Ibaraki) e Kyuushu (Fukuoka, Nagasaki, Kagoshima). Conforme observam Amino *et al.* (2018), não se sabe se os falantes japoneses percebem se ensurdecem ou não as vogais, mas, conforme apontam os autores, falantes de Tóquio e Kinki, em situações diferentes de interação social, apresentam percentuais distintos de desvozeamento de vogais. O que se pretende investigar, portanto, é se há valores distintos associados às variantes da variável em análise, isto é, se há valores sociais diferentes associados às vogais desvozeadas e não-desvozeadas, para além do reconhecimento da variedade regional.

A fim de coletar o número de dados necessários para esta pesquisa, os dados serão levantados por meio de um experimento sociolinguístico de avaliação, por meio da técnica de estímulos pareados (*matched-guised technique*). Essa técnica tem por objetivo investigar atitudes subjetivas dos falantes/ouvintes e que não são diretamente aferíveis, uma vez que as reações dos falantes/ouvintes podem não refletir diretamente suas opiniões. Assim, por meio da associação entre formas linguísticas e diferentes aspectos sociais (profissões, características físicas, entre outros), espera-se acessar avaliações linguísticas subjetivas dos participantes acerca das variantes da variável testada. Trabalharemos com gravações que serão realizadas por dois nativos a serem entrevistados e selecionados, sendo um falante proveniente de uma região que realize o desvozeamento e outro de uma região não desvozeada, a fim de mantermos a naturalidade em cada gravação. Falando mais especificamente do conteúdo dessas gravações, ele consistirá na leitura de fragmentos de textos de variados gêneros textuais, com o propósito de explorar produções de cunho mais formais e informais. Essa abordagem metodológica almeja registrar de que maneira são percebidas as variantes linguísticas por meio de diferentes estilos de discursos, corroborando, assim, para as análises serem mais minuciosas.

Ao concluir toda a elaboração do experimento, os participantes serão acessados de duas maneiras: (a) remotamente, com falantes de japonês e residentes em Japão; (b) presencialmente, com falantes nativos de japonês e residentes na cidade do Rio de Janeiro. Os falantes que moram

na cidade do Rio de Janeiro serão contactados por meio de um grupo denominado *Nihongo de hanashitemiru kai* (“Encontro ‘tente falar em japonês’”), em que estudantes da língua encontram-se mensalmente, aos sábados, com nativos japoneses para praticar conversação. O evento dura em média de 2 a 3 horas e, atualmente, ocorre em ambientes pré-selecionados pelos integrantes do grupo, como o Museu da República, Parque Quinta da Boa Vista e Parque Brigadeiro Eduardo Gomes (Aterro do Flamengo). A fim de que os falantes que moram no Japão possam participar da pesquisa, o experimento será disponibilizado por meio de uma plataforma on-line (Pavlovía) e os falantes serão recrutados por meio de indicação dos participantes japoneses que moram no Brasil.

5. HIPÓTESES E ENCAMINHAMENTOS

Este capítulo tem por objetivo discutir os possíveis resultados a serem obtidos através do futuro experimento apresentado no capítulo anterior e os próximos passos a serem seguidos na pesquisa.

5.1 Resultados esperados

Como o desvozeamento de vogais é algo mais característico do falar de Tóquio, espera-se que os participantes com origem em Tóquio percebam menos o desvozeamento das vogais [i] e [u], já que, para falantes dessa variedade, o desvozeamento tende a ser mais frequente. Consequentemente, espera-se que falantes de Tóquio não avaliem de forma significativamente diferente as variantes (vogal desvozeada e vogal sem desvozeamento). Em contrapartida, espera-se que falantes de variantes nos quais o desvozeamento é menos frequente avaliem mais o desvozeamento. Isto porque, como o desvozeamento não é frequente em sua variedade, esses falantes perceberiam mais facilmente as vogais desvozeadas e, consequentemente, teriam uma avaliação diferente para cada uma das variantes.

Acerca da faixa etária, é esperado que os falantes mais jovens, sobretudo, oriundos de regiões urbanas, obtenham maior taxa de reprodutibilidade, em comparação com grupos mais velhos. Contudo, partindo do pressuposto de que a massa caracterizada como “jovem” no período das pesquisas supracitadas, atualmente se enquadre na faixa etária adulta, talvez seja possível observar um movimento crescente de desvozeamento partindo para os grupos de idades mais avançadas. Isso indicaria que o fenômeno transcendeu gerações e deixou de ser uma característica do falar moderno e jovem, estando, agora, consolidado em outra camada da sociedade.

Semelhantemente, espera-se que a influência do estilo na variável continue sendo observada nos contextos menos monitorados, ou seja, em momentos de distração do falante, seja em relatos pessoais, diálogos informais. Em compensação, o discurso formal prevalecerá sendo reproduzido em conformidade às normas sociais outrora estabelecidas, ainda que seja inegável a influência das mídias sociais no linguajar dos falantes. Tem-se testemunhado cada vez mais a propagação de novas formas linguísticas por meio de vídeos veiculados em aplicativos, como X (antigo Twitter), TikTok e YouTube que, combinados com o acesso quase imediato as informações, podem corroborar para maior adesão e fluidez das inovações na língua. Dado isso, seria interessante investigar até que ponto o contato ininterrupto da sociedade com as redes sociais pode interferir na comunicação cotidiana e se ele atua ou não nos contextos habituais de desvozeamento.

O maior questionamento acerca dos possíveis resultados se concentra no que diz respeito ao sexo do falante. Como mencionado anteriormente, enquanto Preston e Imai (2023) apontam que os homens jovens realizam mais o desvozeamento, Byun (2007) postula que as mulheres, na verdade, são as que apresentam o maior índice dessa variável. Esses resultados podem estar associados as diferentes metodologias empregadas pelos autores, bem como às questões circunstanciais, variações e situações concernentes a cada grupo. Compreende-se que o sexo exerce grande influência sobre o uso e a frequência de itens linguísticos, além do papel intrínseco nas construções identitárias e estilísticas. No que tange a língua japonesa, pode-se constatar que há claras expectativas em relação a diferenças na ocorrência de um discurso “feminino” e outras ao se tratar de um discurso “masculino”, por isso, o desvozeamento pode ser entendido como um recurso estilístico de aproximação (ou distanciamento) das normas sociais previamente instituídas. Visto isso, seria necessário elaborar investigações que possam responder aos seguintes questionamentos: (a) Apesar de o desvozeamento ser empregado, atualmente, como marca de casualidade, sabe-se que ele também pode ser uma ferramenta para sofisticar o discurso. Pensando nisso, em quais contextos isso ocorre? Há interferência do sexo do falante? (b) As mulheres adotam o desvozeamento nos contextos informais? (c) Existe relação entre a faixa etária desses grupos e as escolhas estilísticas?

5.2 Encaminhamentos

Este estudo embrionário busca contribuir sobre o desvozeamento de vogais altas no japonês, especialmente no que diz respeito à relação estabelecida entre os fatores socioculturais e a percepção do fenômeno linguístico. A fim de conferir as hipóteses suscitadas, espera-se aplicar o experimento descrito presencial e remotamente, além de realizar uma análise mais aprofundada dos dados estatísticos. Almeja-se, futuramente, ampliar a metodologia supracitada em outros tipos de investigações associadas ao desvozeamento, por exemplo, caso observarmos a concepção de um protótipo de falante que empregaria a variável, buscaremos, então, averiguar se há compatibilidade entre as avaliações feitas pelos entrevistados e a realidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo compreender de que forma os condicionamentos externos impactam a avaliação e percepção acerca do uso do desvozeamento na língua japonesa contemporânea, com enfoque nas interações entre o fenômeno e as variáveis sexo, idade e estilo. Para isso, nos baseamos em estudos previamente publicados sobre a temática e em hipóteses fundamentadas na teoria da variação e mudança e da variação estilística, conforme Schilling-Estes (2013) e Labov (1972), que relacionam mudanças linguísticas ao contexto de inserção do falante, bem como sua construção identitária. Independentemente de a pesquisa ainda não estar em andamento, as informações apresentadas pelos teóricos supracitados reiteram as conexões entre os fatores extralinguísticos e a desvozeamento vocálico. Dentre as descobertas no decorrer da pesquisa, destaca-se a disparidade entre os resultados de Byun (2007) e Preston e Imai (2023), nos quais mulheres desvozeam mais do que os homens, e homens desvozeam mais do que mulheres, respectivamente. Este fato suscita reflexão sobre como as abordagens metodológicas podem acessar camadas variadas em uma mesma temática. Adicionalmente, a análise salientou que a variável estudada ultrapassa os limites linguísticos, sendo empregada como um recurso estilístico para negociar ou reafirmar as identidades sociais.

Em conclusão, ao propor uma investigação entrelaçada às perspectivas sociais, almeja-se averiguar de que maneira as dinâmicas corroboram para a materialização de concepções e imagens, as quais são desvencilhadas das realizações linguísticas. Mediante a isso, torna-se possível examinar as mudanças linguísticas que, por serem muitas vezes cíclicas, renovam de tempos em tempos e refletem os caminhos seguidos pela sociedade. Isso evidencia que a linguagem não é uma prática que segue linear e estável, mas que está sempre em construção e evolução, consoante o ambiente em que ela é instituída.

REFERÊNCIAS

- AMINO, K; MAKINAE, H; KAMADA, T; OSANAI, T. **Reference data on Japanese vowel devoicing**: Effects of speakers' and parents' places of origin and within-speaker reproducibility. *Acoustical Science and Technology*. 39 (3), p. 207-214, 2018.
- BAILEY, G. Real and Apparent Time. *In* Chambers, J. K.; Trudgill, P.; Schilling-Estes. N. (eds). **The Handbook of Language Variation and Change**. Blackwell Publishing, 2003.
- BELL, A. **Language style as audience design**. *Language in Society*. 13 (2), p. 145-201, 1984.
- BYBEE, J. **Phonology and language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- COSTA, G. **“Faça uma prece ou leia uma notícia”: um estudo sobre o uso de faringais no hebraico**”. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.
- BYUN, H. **Semaboin no museika no zenkokuteki chiikisa to sedaisa** (Diferenças regionais e geracionais nacionais no desvozeamento de vogais altas). *The Society of Japanese Linguistics*, v. 3, n. 1, p. 33-48, 2007.
- CABRAL, A; RODRIGUES, A; CARVALHO, F. **Ensurdecimento vocálico em Zo'ê**. *Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 51-60, jan./jun. 2010.
- CHŌBUNSAI, E. Ōgiya Hanaōgi, ca. 1794. Xilogravura japonesa. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/55044>. Acesso em: 06/04/2025.
- CRISTÓFARO-SILVA, T; GOMES, C. **Variação linguística: antiga questão e novas perspectivas**. *Linguagem*, Amapá, v. 1, n. 2, p. 31-41, 2004.
- ELMAN, J; BATES, E; JOHNSON, M; KARMILOFF-SMITH, A; PLUNKETT, K. **Rethinking innateness: a connectionist perspective on development**. Cambridge: M.A.: MIT, 1996.
- FUJIMOTO, M. Vowel devoicing. *In: Handbooks of Japanese Language and Linguistics: Handbook of Japanese Phonetics and Phonology*. Boston/Berlin/Munich: Walter de Gruyter Inc., v. 2, cap. 4, p.303-377, 2015.
- GILES, H. **Accent mobility**: A model and some data. *Anthropological Linguistics*, 15(2), p. 87-105, 1973
- IDE, S. Japanese: Women's Language as a Group Identity Marker in Japanese. *In*: HELLINGER, M; BUßMANN, H. (Org.). **Gender Across Languages: The Linguistic Representation of Women and Men**. Amsterdam: John Benjamins, 2003. v. 11, p. 227–238.
- INOUE, F. Style, prestige, and salience in language change progress. *In*: SHIBATANI, M; KAGEYAMA, T. **Handbooks of Japanese Language and Linguistics: Handbook of Japanese Sociolinguistics**. Boston/Berlin: De Gruyter Mouton, v. 8, p. 113-149, 2022

JOHNSON, K. Speech perception without speaker normalization: An exemplar model. *In: Johnson & Mullennix (eds) **Talker Variability in Speech Processing***. San Diego: Academic Press. pp. 145-165, 1997.

KILPATRICK, A; KAWAHARA, S; BUNDGAARD-NIELSEN, R; BAKER, B; FLETCHER, J. Japanese Vowel Devoicing Modulates Perceptual Epenthesis. *In: **Language and Speech***, 64, n. 1, 203-223, 2021.

KUBOZONO, H. Introdução à fonética e fonologia do japonês. *In: **Handbooks of Japanese Language and Linguistics: Handbook of Japanese Phonetics and Phonology***. Boston/Berlin/Munich: Walter de Gruyter Inc., v. 2, cap. 1, p.68-113, 2015.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. M. Bagno, M. M. P. Scherre, C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

_____. **The Social Stratification of English in New York City**. New York: Cambridge University Press, 2006.

LESSMAN, R. **Explorando o apagamento de vogais átonas finais do português brasileiro**. **Revista Versalete**, Curitiba, v.5, n. 9, p. 87-101, jul.-dez, 2017. Disponível em: <https://revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol5-09/5%20Explorando%20o%20apagamento.%20Rebeca%20Lessmann.pdf>

MAEKAWA, K; KIKUCHI, H. Corpus-Based Analysis of Vowel Devoicing in Spontaneous Japanese: an interim report. *In: **Voicing in Japanese***, Berlin: De Gruyter Mouton, v. 84, p. 205-228, 2005.

MARTELOTTA, M. **Mudança linguística - uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

MORRIS, M. **Devoicing and its Environment in Perception: Kinki Japanese, or Tokyo?** Apresentado em: Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society 30: General Session and Parasession on Conceptual Structure and Cognition in Grammatical Theories, Berkeley, California, 2004.

PAIVA, M. C; DUARTE, M. E. L. “Mudança linguística: observações no tempo real”. *In **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação***. MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. (orgs). 4a edição. São Paulo: Contexto, 2010.

PIERREHUMBERT, J. *In: **Probabilistic Phonology: discrimination and robustness***. R. BOD, J. HAY, S. JANNEDY (eds.), p. 177-228, 2003.

PRESTON, D; IMAI-BRANDLE, T. **Old Wine in New Bottles: Tokyo Vowel Devoicing**. Apresentado em: NWAV-51, 13–15 out. 2023, Queens College/CUNY.

SANKOFF, D; LABERGE, S. The linguistic market and the statistical explanation of variability. *In*: SANKOFF, D, ed, **Linguistic Variation: Models and Methods**. p.239-250, 1978.

SANKOFF, G. **Age: Apparent Time and Real Time**. *In*: **Encyclopedia of Language and Linguistics**. Oxford: Elsevier, 2. ed. p. 110-116, 2006.

SCHILLING, N. Investigating stylistic variation. *In*: CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.). **The handbook of language variation and change**. 2a ed. Malden: Blackwell, 2013, p. 327-349.

SEARA, I; NUNES, V; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. **Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, T. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 1999.

WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. **Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].